



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Núcleo de Desenvolvimento Infantil

Curso de Especialização em Educação Infantil

Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476

e-mail : [especializacao.ufsc.ndi@gmail.com](mailto:especializacao.ufsc.ndi@gmail.com) - Fone 3721-8921

Lucimara Rosa Marcelino

## **A ARTE COM BEBÊS**

Florianópolis

2012

Lucimara Rosa Marcelino

## **A ARTE COM BEBÊS**

Artigo submetido ao Curso de Especialização em Educação Infantil para a obtenção do Grau de Especialista em Educação Infantil.

Orientador: Prof. Rosânia Campo.

Florianópolis

2012

Lucimara Rosa Marcelino

### **A ARTE COM BEBÊS**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, de de 2012.

---

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp

Coordenadora Geral do CEEI

#### **Banca Examinadora:**

---

Prof. ....

Orientador

---

Prof. ....

Primeiro membro

---

Prof. ... ..

Segundo membro

## **Resumo**

O presente artigo é resultado da prática pedagógica com os bebês, mediados pela arte. Procurou-se primeiramente discutir acerca do que é arte, e se o bebê faz arte. Para subsidiar a prática pedagógica procuramos manter diálogos com os autores que discutem sobre a primeira infância. E a partir desses, foram pensadas brincadeiras exploratórias com as mais variadas materialidades, de maneira a promover experiências estéticas significativas que possibilitasse o despertar do ser sensível nos bebês. Para isso procurou-se valorizar as experiências corporais dos bebês, que tiveram os movimentos marcados pela descoberta, experimentação e pela curiosidade levando-os a construção do conhecimento, e contribuindo para a formação estética dos atores do projeto “Fazendo arte com a Arte”.

Palavras-chave: arte, bebê, educação estética.

## **Abstract**

This article is the result of teaching practice as babies, mediated by art. It was first discussed about what is art, and if the baby makes art. To support the pedagogical practice we seek to maintain dialogue with the authors that discuss early childhood. And from these, were thoughtful exploratory play with the most diverse materialities, in order to promote meaningful aesthetic experiences that would allow the blossoming of the sensitive babies. For this we tried to enhance the bodily experiences of babies who had their movements marked by the discovery, experimentation and curiosity leading them to construct knowledge, and contributing to the aesthetic formation of the actors of the project "Making art with Art."

**Keywords:** art, baby, aesthetic education.

## **1 INTRODUÇÃO**

...a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (Barros 2010, p.109).

O presente texto nasce da inquietação do trabalho com bebês, que marcou a minha introdução no campo da prática pedagógica como professora. Diante de uma turma de bebês nasce a questão, o que é “trabalhar educativamente” com os bebês para além das necessidades básicas como banho, trocas, alimentação e o sono. Valorizo e acredito que as relações citadas acima fazem parte do cotidiano do berçário, mas sendo este processo amadurecido nas relações estabelecidas com os bebês durante o primeiro semestre, nasce a necessidade de trazer algo mais que possibilite ampliar o repertório vivencial dessas crianças.

Com isso buscou-se a aproximação com a arte para que esta subsidiasse a prática com bebês do Centro de Educação Infantil Aventuras de Crianças. Primeiramente a proposta era oferecer as mais variadas materialidades que na mão do outro “artista”, viesse a tornar-se um objeto de arte. À medida que as materialidades foram apresentadas aos bebês para que esses realizassem movimentos exploratórios, um inquietante questionamento vai aflorando “o que é arte?”, e “o que é arte para bebês?”. Já que para o bebê o processo de aprendizagem se dá diferente das crianças maiores. Outras questões foram emergindo, como por exemplo, o bebê faz arte? Estas e outras inquietações e reflexões orientaram o trabalho que agora é relatado.

Iniciamos com uma discussão sobre o que é arte e a relação arte e bebês. Em seguida apresentaremos algumas ações desenvolvidas em uma turma de berçário finalizando com algumas considerações que este trabalho oportunizou.

### **1.1 Mas Afinal o que é Arte?**

Jorge Coli (2002, p.104) ao definir a arte a coloca como uma tarefa difícil, destaca ainda que em seu “sentido mais profundo” é “instrumento de prazer cultural de riquezas inesgotável”. Para o autor “a arte tem o papel de nos fazer sentir” (2002, p.110) e é construída “com elementos extraídos do mundo sensível” (2002, p.111) e “tudo na arte é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se pode aprender regras de apreciação. E a percepção artística não se dá espontaneamente” (2002, p.115). Ainda, segundo o autor, há “instrumentos específicos” (2002, p.10) que definem o que é um objeto artístico como os críticos, historiador da arte, conservador de museus entre outros, coloca também que existe locais específicos onde à arte pode se manifestar dando estatuto de arte a um objeto, como em um museu, em uma galeria, e em uma sala de concerto de música erudita.

Já Favaretto apud Santos (1999) ao falar da arte a coloca como histórica e social destaca ainda que o conceito da arte fixado na tradição romantica a obra é identificada como obra-prima, sendo a harmonia, a perfeição, o acabamento e a unicidade categorias incluídas na definição desse conceito de arte. Para o autor a arte moderna e contemporânea exigem de nós um outro modo de ver, fazendo com que sejamos produtivos no olhar e não observadores passivos, colocando em questão o conceito de arte fixado na tradição.

A partir destas definições pode-se afirmar que os bebês não fazem arte, por não terem uma intencionalidade de provocar uma discussão estética, no entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009, p. 1), documento de caráter mandatório, propõem que:

o currículo da educação infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade.

A Diretriz (2009, p. 2) traz ainda que as propostas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil devem contemplar os princípios éticos, políticos e “estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”. Neste sentido, ainda que se entenda que bebês não produzem arte, a inserção neste universo é fundamental para o desenvolvimento humano. Dito de outro modo, as diretrizes evidenciam a importância da arte no âmbito da educação infantil para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, seguindo esta perspectiva e articulando a prática pedagógica mediada pela materialidade da arte, que procuramos proporcionar experiências estéticas aos bebês.

Nossa intenção é corroborada por Duarte Junior (2001) que ao falar da arte a coloca como um precioso instrumento para educação do sensível, destaca ainda a prática artística desde a mais tenra idade. Neste sentido, a arte possui um importante papel social, já que por meio desta é possível contribuir para a formação cultural das crianças, favorecendo a construção do mundo que a cerca. Segundo Barbosa (2012, p.2):

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistemas de valores, suas tradições e crenças.

Barbosa acrescenta ainda que “não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte”. Mas como apresentar a arte aos bebês? E será que apenas trabalhar com as materialidades da arte, é trabalhar com a arte propriamente dita?

## **2 O DESPERTAR DO SENSÍVEL, POR MEIO DOS SENTIDOS, DE MANEIRA A PROMOVER EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS**

No referido projeto “Fazendo arte com a Arte”, o conhecimento estético estava articulado também ao movimento, procurava colocá-la (a estética) como algo capaz de se comunicar. Desta maneira, trazer uma estética que está presente na organização do espaço, nos objetos apresentados aos bebês, e na intencionalidade do educador.

De acordo com Duarte Junior (2001, p.15):

[há uma] necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, aonde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. Como anota Michel Maffesoli<sup>5</sup>, “segundo Hans R. Jaus, ‘a *aisthesis* restitui ao conhecimento intuitivo... os seus direitos, contra o privilégio tradicionalmente concedido ao conhecimento conceitual’. Deve-se entender estética, aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente.

Deste modo, os espaços organizados para a brincadeira exploratória das crianças e as relações que elas construíram com estes, contribuíram para uma educação dos sentidos, numa perspectiva de uma educação estética pensada por Duarte Junior (2001). Nesta dinâmica as crianças puderam experimentar novas sensações, novas formas de perceber e sentir o mundo, aguçando o olhar, tendo experiências nas quais relacionaram o novo com o já vivido, tornando o seu repertório vivencial mais amplo.

De acordo com Girardelo (2006, p.52)

A educação dos sentidos tem uma função crucial hoje. Ela é necessária para que a experiência da criança seja mais rica, profunda e complexa, com mais possibilidades

de criar, de criar novas coisas no mundo, de criar novos sentidos para as coisas que já são do mundo, inclusive para nós mesmos.

Para que a criança crie novas coisas no mundo, e também novos sentidos e significações para as coisas que já são do mundo, é necessário que ela se relacione, interaja, descubra a diversidade do mundo, seus sons, sabores, texturas e odores, e também possa se sentir como parte integrante deste mundo.

De acordo com Duarte Junior (2001, p.14)

De pronto e ao longo da vida aprenderemos sempre com o “mundo vivido”, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro. O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível. E, de acordo com Nicola Abbagnano, o sensível é “aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Nesta acepção, ‘o sensível’ é o objeto próprio do conhecimento sensível, assim como o ‘inteligível’ é o objeto próprio do conhecimento intelectual”.

Estas indicações nos levaram a pensar que manipulando e explorando as diferentes materialidades como o carvão e a tinta natural, as crianças poderiam ter outros modos de sentirem e conhecerem mais esse mundo; mundo este que o constitui e simultaneamente por ele é constituído.

### **3 CONHECENDO OS BEBÊS**

O Berçário I, grupo no qual o projeto foi desenvolvido é composto por 15 crianças, dentre as quais se tem sete meninas e oito meninos na faixa etária entre cinco meses e um ano e seis meses. O grupo apresenta como característica central uma comunicação com poucas articulações verbais, ocorrendo mais por meio da afetividade, gestos, choros, sorrisos e movimentos. Dentro do grupo temos crianças que caminham com e sem necessidade de suporte, engatinham, rastejam e sentam-se com e sem a ajuda do colo artificial.

De acordo com estudos como de Elkonin e Leontiev cada estágio de desenvolvimento da criança é caracterizado por uma atividade principal, e com base nessa atividade principal que a criança se relaciona com a realidade. Segundo Elkonin a primeira, que é a fase em questão é a comunicação emocional do bebê. Este estágio é marcado pela total incapacidade

da criança satisfazer suas necessidades de sobrevivência, sendo essa satisfeita pelo adulto, e sendo marcado também por uma extrema necessidade de uma comunicação com o adulto apesar desta dar-se sem a presença de palavras (Facci, 2004). O grupo em questão está neste momento de sua vida e é perceptível os diferentes modos de comunicação que experimentam.

Importante lembrar que para Wallon a emoção é a primeira linguagem humana e antecede a verdadeira linguagem, é através das reações emotivas que a criança estabelece as primeiras trocas com o outro, a primeira manifestação de sociabilidade por meio dos gestos, mímicas, do olhar, do choro, sorriso entre outros, enfim é por meio da emoção que a criança vai tomando consciência de seu próprio corpo (Tran Thong, 1987). Assim, é possível afirmar que a emoção é uma atividade eminentemente social, é através das reações que causa no outro, que sua manifestação é impulsionada (Galvão, 1995). É atuando na possibilidade da emoção manifestar-se de forma positiva, de maneira a fazer com que a criança sintam-se cativada e parte integrante da construção do conhecimento que o educador deve trazer este artifício para sua prática pedagógica.

Outra característica fundamental observada neste grupo de criança é o movimento. É importante destacar que, entendemos que o movimento não é uma simples ação reflexa, antes assume papel de suma importância para o desenvolvimento infantil, primeiramente sua função é afetiva, posteriormente assume a função cognitiva. Segundo Galvão é ao realizar movimentos como um instrumento o qual a criança explora o mundo físico como o pegar, o empurrar, o abrir, o fechar entre outros que a ela tem seus atos marcados pela cognição (Galvão, 1995).

Estas discussões a cerca do desenvolvimento humano foram orientadoras do nosso trabalho e, a partir destas considerações apresentamos diferentes materialidades aos bebês no qual com os seus constantes movimentos exploratórios possibilitou ampliar o repertório vivencial das crianças daquele grupo, sendo esses mediados pela disponibilidade afetiva do adulto.

Para isso, buscamos valorizar o processo de construção de conhecimento dos bebês, de maneira que o primeiro contato se desse na relação da criança com os objetos, e o educador atuando na organização estrutural do espaço. Passando este primeiro contato com o novo, buscou-se mediar a prática educativa tendo também a ação direta do adulto de maneira a

oferecer repertório para que o bebê pudesse realizar movimentos pautada na imitação. Sempre observando o objetivo do projeto, qual seja, de oferecer ao bebê a manipulação de diferentes objetos e materiais, que os leve a ampliar suas vivências, a aguçar sua curiosidade de maneira livre e prazerosa. Buscando provocar e instigar a criança pequena a perceber as nuances dos objetos explorados, assim como também a confrontá-los, e apresentar possibilidades e impossibilidades de ação perante o objeto.

#### **4 AVENTURANDO-SE NA DESCOBERTA DAS DIVERSAS MATERIALIDADES**

Seguindo nosso planejamento oferecemos primeiramente aos bebês materiais sólidos como madeira, a espiga de milho, o cone, a farinha de milho, a farinha de trigo e posteriormente materiais líquidos ou melecas como a argila com água, a tinta natural, meleca de araruta com gelatina, a polenta docê com canela, e a massa de modelar. Essa relação com a materialidade foi um processo contínuo, marcado por avanços e retrocessos, já que grande parte da materialidade apresentada aos bebês era nova, ou dava-se em uma relação diferente da construída socialmente até então.

Além de apresentar o material para a exploração, houve também uma preocupação com a organização do espaço onde este material seria explorado, como acontece com a espiga de milho, que é colocada sobre um tecido organizado de maneira a representar uma forma circular como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 1 – Exploração de Material  
Data – 09/09/2011  
Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Assim também como a madeira e o cone, que é apresentada dentro de uma caixa com imagens dos movimentos do grupo. A organização se dá focada num processo de busca para que o bebê sinta-se instigado a explorar a materialidade a ser apresentada.



Figura 2 - Crianças explorando a caixa de imagens que contém madeira na forma retangular.

Data – 17/08/2011

Autoria – Neusa Moreira

Em alguns momentos a brincadeira se dava no grande grupo, já outros a organização dava-se em pequenos grupos, no qual a constituição desses era por faixa etária. Houve também uma entrega e comprometimento por parte dos adultos envolvidos (Participaram deste projeto as professoras auxiliares Neusa e Roseli e a Lactarista dona Conceição), para que acontecesse a brincadeira, já que boa parte da atividade demandaram um grande trabalho (banho, trocas, e organização do espaço).

#### **4.1 A Possibilidade do Brincar, usando o Cone...**

Primeiramente, os cones foram colocados dentro de uma caixa e a professora os instigou questionando os bebês, sobre o que tinha em seu interior. Esta chamada mediada pelo diálogo, fez com que os bebês olhassem para a professora atentamente. Em seguida os questionamentos direcionados as crianças são também acompanhados por movimentos de embalo da caixa, realizados de maneira a promover sonoridade, fazendo com que a curiosidade das crianças as levasse ao encontro da brincadeira.

- Olha Ana, o que será que tem na caixa?

Pergunta a professora, quando percebe o olhar expressivo da menina querendo estabelecer o diálogo.

Outra criança ao ouvir o barulho da caixa se aproxima rapidamente demonstrando muita curiosidade, de modo que a professora se dirige a ela:

- E você Joana, está curiosa? A Mara também quer saber o que tem na Caixa. Quem vai querer brincar com a Mara.

À medida que o diálogo ia sendo estabelecido com os bebês, de maneira a aguçar a curiosidade, eles se aproximavam arrastando-se, caminhando e engatinhando, e aqueles que não conseguiam locomover-se a professora os trazia para a brincadeira.



Figura 3 - Ao ouvir o som extraído da caixa de imagens, resultado dos movimentos realizados pela educadora os bebês vem de encontro à educadora.

Data – 31/08/2011

Autoria – Neusa Moreira

Ao abrirem a caixa, o primeiro movimento das crianças é marcado pela busca do conhecimento do material, sentindo a textura e percebendo a forma do mesmo por meio das mãos e boca, depois as ações dos bebês passam a ser marcado pelas possibilidades que a forma física do objeto oferece á exploração, como olhar pelo interior do orifício, e colocar um cone dentro do outro.



Figura 4 - As crianças usando o cone de diferentes maneiras, de forma a construir o seu conhecimento.

Data – 31/08/2011

Autoria – Neusa Moreira

As crianças, mediadas pela imitação, realizam também movimentos de atrito na busca do som promovido que resulta da sua ação. Usam também o cone como megafone, promovendo balbucios. Estas observações, os diferentes modos de reação dos bebês nos ratifica a perspectiva de que o professor é aquele que cria possibilidades, instiga explorações, novas experiências e novos desafios. No caso dos bebês, esta ação do professor é pautada tanto no modo como este organiza o espaço, quanto em suas atitudes fazendo com que os bebês agucem as diferentes formas de organizar, de ver, ouvir, perceber, e sentir o mundo.

#### **4.2 Novas Experiências e um mundo de descobertas...**

As crianças diante do novo reagem de diferentes maneiras, correm ao encontro, repelem, reagem curiosamente, mas dificilmente deixam de esboçar alguma ação. Estas ações e reações foram rapidamente observadas durante as atividades desenvolvidas com as espigas de milho. Alguns bebês rapidamente foram ao encontro das espigas, mas, houve também quem se expressou de maneira tímida, no entanto, nenhum dos bebês deixou de agir guiados pela curiosidade.



Figura 5 - Maria Luiza e Joana guiadas pela curiosidade vão de encontro à espiga de milho.

Data – 09/09/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Os movimentos foram marcados pela disputa, e pela observação atenta das nuances. Percebem o todo, e o mínimo, tocam com delicadeza, mexem na palha de milho, na espiga e no cabelo do milho.



Figura 6 - Maycke Luan buscando por meio do toque e do olhar atento perceber as nuances da espiga de milho.

Data – 09/09/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Outra interação organizada foi a brincadeira com a farinha de milho. A experiência é marcada também pelo desagrado, já que ao tocá-la gera desconforto para alguns bebês. Essas experiências com a espiga de milho, a farinha de milho, e posteriormente a polenta doce com canela apresentada às crianças na temperatura morna, fez com que os bebês ampliassem suas

percepções sensoriais. Percepções que se deram por meio do uso dos sentidos, tocando a farinha de milho, sentindo o cheiro da canela imersa na poleta docê, assim como também o seu gosto ao levar a polenta a boca, e instigando seu olhar curioso diante da espiga de milho, e a escuta atenta quando o toque na palha de milho produz um suave farfalhar.

#### **4.3 Do Trigo à Massinha caseira...**

As atividades foram sendo ampliadas e na medida em que os bebês demonstravam mais e mais interesse pensávamos o que mais poderíamos mediar. As reações de alguns bebês a farinha de milho nos indicou a possibilidade de outras experiências, assim, resolvemos apresentar a farinha de trigo. Ao sentirem a consistência do material, perceberam que a mesma era macia, provocando um toque prazeroso. Eles caminham sobre o trigo descalço, engatinham, e nesta posição procuram levar a boca ao material para senti-lo.



Figura 7 - Os pés dos bebês (Gustavo Vargas, Gabriel e Emilly) em meio a farinha de trigo.  
Data – 14/09/2011  
Autoria – Lucimara Rosa Marcelino



Figura 8 - Joana engatinhando feliz sobre a farinha de trigo.

Data – 14/09/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Em um segundo momento as crianças brincam com o trigo, mas desta vez com o foco no resultado da construção da massinha de modelar caseira. Eles ajudam a despejar o trigo no interior da bacia, assim como também a água e a gelatina. Percebem a mudança que vai acontecendo a partir da mistura dos ingredientes e do resultado da ação em conjunto com a educadora. Estando pronta a massinha de modelar, é hora de se aventurar na brincadeira.



Figura 9 - Os bebês no processo de construção da massinha de modelar caseira.

Data – 15/09/2011

Autoria – Neusa Moreira



Figura 10 - Maycke Luan dando massinha de modelar para Pedro Miguel.  
Data – 16/09/2011  
Autoria – Roseli Monteiro

As crianças demonstram por meio de suas atitudes que o processo, o fazer a massinha é mais instigante e prazeroso do que o explorar o produto em seu resultado final.

#### **4.4 Os gestos, o olhar, e os balbucios indicando percurso do educador e o interesse dos bebês...**

As propostas que realizamos, foram construídas levando sempre em consideração as crianças, que participavam da construção dos espaços e tempos nos quais as realizávamos as proposições e também dando opiniões por meio de gestos, do olhar, balbucios, do choro e de como as propostas podiam ser realizadas. Assim, observando estas reações propomos outra atividade, desta vez o espaço era o solário. Organizamos o espaço do solário forrando o chão e parte da parede com papel pardo para que acontecesse a brincadeira exploratoria com a tinta natural, o rolinho e o pincel, de maneira livre e em um espaço amplo. Já que até então a brincadeira com a tinta se dava em um espaço limitado demarcado por uma cadeira, mesa, e papel A4.

Nos movimentos de interação, a educadora resolve pintar as paredes cobertas de papéis, ação que rapidamente chama atenção dos bebês, de modo que, Isabella, que observa a professora atentamente, a imita e faz a mesmo, Joana também realiza o mesmo movimento após observar Isabella brincando. Vigotski (2002) destaca que a atividade imitativa é

indicativo do nível de desenvolvimento da criança. O autor resalta ainda que ao estar em uma atividade coletiva ou sob a orientação de adultos usando a imitação, as crianças realizam ações que vão além dos limites de suas próprias capacidades.

Entretanto, além de imitarem os adultos observamos também que os bebês procuram realizar movimentos na busca de novos experimentos e diferentes maneiras de manusear o objeto, apertando o rolinho e sentindo o líquido da tinta escorrendo entre os dedos como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 11 - As crianças explorando o espaço organizado para a pintura com tinta natural.

Data – 05/10/2011

Autoria – Neusa Moreira

Ana Carolina parece encantada com sua descoberta, assim como também Vitória, e seus amiguinhos. Particularmente a Ana vivencia o momento com total entrega, seu corpo, seus movimentos demonstram que não existe nada além dela, do rolinho, do líquido colorido, dos resíduos da alface, do agrião e do amido de milho utilizado para obter a cor e a consistência.



Figura 12 - Explorando o líquido colorido.  
Data – 05/10/2011  
Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Nesse movimento de intensa entrega, observamos também Vitória, totalmente imersa em sua exploração. Seu interesse está muito mais na ferramenta (rolinho) do que na ação de pintar, seguindo esta curiosidade podemos observá-la explorando atentamente o rolinho:



Figura 13 - Explorando o rolinho de tintura.  
Data – 05/10/2011  
Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

À medida que acontecia a brincadeira exploratória com a tinta natural juntamente com os rolinhos de espuma e o pincel, percebíamos o interesse dos bebês na mistura desses dois elementos (rolinho de espuma e tinta natural). Com isso, organizamos o espaço para que a

proposta da tinta natural acontecesse novamente, mas desta vez, enriquecendo mais ainda a brincadeira, trazendo a espuma na forma circular para que os bebês manusessem com a tinta natural.

As espumas na forma circular ficaram espalhadas pelo chão, assim com também os pratinhos de tintas. As crianças iam entrando no espaço organizado e iam explorando livremente os materiais a sua frente. Yuri é a primeira criança a fazer a junção das duas materialidades, tinta natural e espuma. O menino primeiramente bate com as mãos sobre a tinta natural, em seguida pega a espuma e a coloca na tinta, e passa a explorar a textura dos dois elementos misturados. Ele volta a bater sobre a tinta, mas desta vez usando a espuma, resultando com sua ação uma pintura no espaço organizado no qual ele também se torne objeto pintado.



Figura 14 - Explorando a tinta natural com a espuma.

Data – 09/11/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Esse movimento é também realizado pelos demais integrantes do grupo, que após perceberem que a espuma esta completamente preenchida com o liquido da tinta, passa a apertar o objeto observando atentamente o resultado obtido de suas ações.



Figura 15 - Explorando a tinta natural com a espuma.

Data – 09/11/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Ana Carolina, caminhando pelo espaço do solário, pega todas as espumas que estão secas, ou seja, que não foram usadas com a tinta natural, e se esconde em um cantinho no qual o papel pardo está levantado e formando uma espécie de cabana. Sentada em seu esconderijo a menina sorri e direciona a espuma para a educadora. Por meio dessa seleção a menina extravasa seu conhecimento de mundo que se dá com sua ação.



Figura 16 - Ana Carolina com sua seleção de espuma.

Data – 09/11/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Os bebês exploram e fazem bagunça no qual a tinta natural torna-se um brinquedo rico e prazeroso, descobrem na interação com a materialidade o quanto é gostoso a mistura do líquido colorido em meio a espuma, e olha o resultado: é o brincar, é traquinagem. Ao experimentar as propriedades dos objetos, e interagir com o espaço organizado as crianças aprendem a ter controle de seu próprio corpo, ampliam suas possibilidades de movimento, de expressão e comunicação de maneira a potencializar o desenvolvimento.

#### **4.5 O Encontro com a Argila...**

O encontro dos bebês com a argila deu-se em pequenos grupos de três membros, no espaço externo. As crianças foram acomodadas sentadas sobre o papel pardo, e ganharam

cada uma um pedaço de argila para a exploração. Tinham também a sua disposição água para enriquecer a brincadeira.

O primeiro olhar dos bebês é de estranhamento, sendo a ação marcada pela resistência ao toque do material. A educadora com o propósito de estabelecer o contato do bebê com a argila leva as mãos dos bebês ao encontro da mesma.

Elas, aos poucos vão sentindo a textura, percebendo as nuances, e perdendo os movimentos freados quando a exploração da argila torna-se um encontro com a meleca, no momento em que a água passa a fazer parte da brincadeira. A escolha por este material foi realizada tendo em vista tantos os objetivos expostos anteriormente, quanto introduzir as crianças em outro tipo de relação com os elementos da natureza. Entendemos que esta relação é importante e como bem escreve Duarte Junior (2001) é uma tarefa que está sendo secundarizada na contemporaneidade, atualmente parece não existir muito investimento no refinamento e desenvolvimento dos sentidos, em especial, na sua relação com a natureza.

A partir deste princípio, isto é, da importância da relação dos bebês com elementos da natureza, a ampliação deste contato, bem como a sensibilização, outra estratégia foi desenvolvida. A professora inicia uma sessão de massagem nos pés dos bebês e nas suas mãos. Esta massagem mediada por palavras, olhares e o toque sensível objetivava um encontro prazeroso com o novo elemento, ao mesmo tempo, instigar novas explorações por parte dos bebês.



Figura 17 - Massagem com a argila no pé de Yasmin.

Data – 03/10/2011

Autoria – Lucimara Rosa Marcelino

Apenas duas crianças apresentaram resistência em explorar a argila, Carlos Eduardo e Yasmin. Este fato nos levou a refletir o que causava esta resistência, bem como, de que modo podemos agir para envolvê-los nesta atividade. Uma das nossas hipóteses em relação a resistência destes bebês é de que a não participação dos mesmos nas demais atividades, nos demais processos de construção e de maturação da exploração das mais variadas materialidades pode ter causado este estranhamento. Assim, procedemos de modo diferenciado com estes bebês, primeiramente respeitando sua resistência, e voltando a realizar as atividades com materialidades sólidas com o cone, a madeira, e o trigo para que houvesse um processo de amadurecimento desses dois bebês, e assim com por meio de experiências significativas passem a aceitar a brincadeira exploratória.

Um dos grandes desafios nesta atividade é a necessidade dos bebês experienciarem o mundo também por meio da boca, isto é, tendo em vista a idade dos bebês e de sua característica marcante desta fase de vida, sabíamos que levar argila a boca seria inevitável. No entanto, entendemos que isto não poderia ser um obstáculo, antes implicaria em um modo de organização interna entre os adultos de modo que o material fosse oferecido aos bebês e ao mesmo tempo estivesse sob constante acompanhamento evitando assim problemas de ingestão do mesmo. Tendo em vista esta questão, conforme descrito anteriormente, a opção foi por desenvolver este trabalho com pequenos grupos de bebês garantindo assim o processo de modo seguro e estimulando outros órgãos de sentidos, não apenas a boca.

#### **4.6 Uma experiência estética: meus primeiros riscos e rabiscos, deixando marcas com o carvão sobre o papel pardo...**

Nossas atividades tiveram continuidade agora com novo elemento. Para tanto, primeiramente organizamos o espaço do solário cobrindo-o com papel pardo e disponibilizando o carvão sobre o espaço, a exemplo das outras atividades, os bebês iniciam sua aproximação com o espaço e material fazendo suas explorações, tocando, sentindo, observando atentamente. Estas ações dos bebês são acompanhadas pelas professoras que além de observar, também exploram o material, o espaço e iniciam uma ação de rabiscar o papel.

Agora é a vez dos bebês observarem atentamente, para em seguida começarem também a fazerem seus rabiscos:



Figura 18 - Maycke Luan em seu processo de exploração do carvão produz rabiscos em suas próprias mãos.

Data – 03/11/2011

Autoria – Neusa Moreira

Na proposta do brincar com o carvão vivenciado pelas crianças do B-I, as experiências são marcadas pelo desejo de exploração. Com olhos atentos e curiosos os bebês procuraram pesquisar as nuances da materialidade, levando-os a ampliar suas redes de entendimento e significação do mundo, enfim, ampliando repertórios de maneira a mobilizar os sentidos, e a possibilidade de expressão e educação estética.

Os bebês, usando o carvão, deixam marcas no chão. Yuri e Ana Carolina encantam-se ao perceber que a palma de sua mão fica escura após tanto manusear o material.



Figura 19 - Yuri observa atentamente suas mãos, percebendo que a mesma está escura.

Data – 03/11/2011

Autoria – Neusa Moreira

E esse encantamento permanece quando percebem que a palma da mão da educadora também está escura, com isso os dois passam a alisar a mão da professora, e passa a virar de um lado para o outro percebendo que a palma da mão está escura e o dorso da mão está claro. Yuri em meio a esse movimento parece questionar a educadora, por meio de seu olhar indagador: “O que aconteceu?”.



Figura 20 – Explorando a mão da educadora.

Data – 03/11/2011

Autoria – Neusa Moreira

Yuri, por meio de seu olhar atento, vê que a mão da educadora está escura, e a ação do menino faz com que seus colegas também percebam a mão da educadora, assim como também suas próprias mãos.



Figura 21 – Explorando a mão da educadora.

Data – 03/11/2011

Autoria – Neusa Moreira

Resultado da descoberta de Yuri: de tanto esfregar as mãos no chão a cor preta fica mais evidente e as crianças mais curiosas. Todo o processo faz dos movimentos que marcaram a proposta pedagógica uma experiência estética demarcada pelo desconforto, pela curiosidade, e pelo prazer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como eu vou saber da chuva  
Se eu nunca me molhar?  
Como eu vou sentir o sol,  
e eu nunca me queimar?

Como eu vou saber da terra,  
Se eu nunca me sujar?  
Como eu vou saber das gentes,  
Sem aprender a gostar?

Quero ver com os meus olhos,  
Quero a vida até o fundo,  
Quero ter barros nos pés,  
Eu quero aprender o mundo!

[Bandeira, 2009,p.16]

Ao longo de todo o processo de construção do trabalho com os bebês, pensou-se em propor atividades no qual se tinha como o propósito vivências e experiências significativas. Sabe-se que a aprendizagem dos bebês dá-se por meio das relações estabelecidas, de esperiencias corporais e das brincadeiras. A partir dessa premissa, construímos nosso trabalho com as crianças do berçário I pautando nossas ações nos movimentos de descobertas, de exploração, experimentação e curiosidades.

Primeiramente algumas materialidades apresentadas aos bebês nos levam a questionar sobre o que é arte. Mas, as constantes leituras nos revelam que, para os bebês o importante é o processo, a experimentação e o acesso exploratório as mais variadas materialidades de maneira a promover experiência estética significativa. Segundo Oliveira (2011), as crianças iniciam na arte por meio das percepções. E isso foi possível ao caminhar sobre a farinha de milho, por meio da massagem nos pés com a argila, por meio do toque no trigo provocando gostosas sensações, enfim, por meio da mudança mágica que acontece com as mãos quando ficam escuras ao manusear o carvão. Foram essas experiências que levaram as crianças a

sentir corporalmente a materialidade, possibilitando a arte do sensível, que fez com que os bebês amadurecessem como grupo, se colocando quando por meio do choro e de balbucios, comunicavam o desconforto em estar em contato com o material. Questionando por meio do olhar atento o material que estava a sua frente, imitando o adulto e seus pares por meio das interações de maneira a levar às novas descobertas, enfim brincando e explorando tudo e todos.

Buscamos na ampliação das experiências das crianças o foco de atuação de nossa prática pedagógica, sendo que o trabalho com os bebês pautado na arte entrou como proposições para a expansão e continuação de uma perspectiva de educação infantil, preocupada com a indessociabilidade de uma formação simultaneamente estética, cultural, artística promotora do conhecimento.

Sabemos que os bebês não fazem arte, por não terem em sua produção ou ação a intencionalidade de provocar uma discussão estética, mas sabemos também, que o que deve ficar registrado na memória emocional da criança, é a experiência do fazer, e não o produto final, que com os bebês não acontece.

A reflexão leva a pensar que o projeto poderia ter trilhado outros caminhos que tivesse uma aproximação maior com as materialidades da natureza, como a areia. Mas fica a certeza de que o propósito maior que foi o de proporcionar experiências estéticas aos bebês que os levasse à aprendizagem e ao desenvolvimento foi alcançado.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BANDEIRA, Pedro. **Vá já pra dentro menino.** In: BANDEIRA, Pedro. Mais respeito, eu sou criança. São Paulo: Moderna, 2009.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte, Educação e Cultura.** Disponível em: <<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista7-mat5.pdf>>. Acesso em: 03 de 01 de 2012.

BARROS, Manoel de. **Sobre importâncias.** In: BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução nº5, de 17 de Dezembro de 2009.

COLI, Jorge. **O que é Arte?** São Paulo: Brasiliense, 2002.

DUARTE Jr., João-Francisco. **O Sentido dos Sentidos: a Educação (do) Sensível.** Curitiba: Criar Edições, 2001.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **A Periodização do Desenvolvimento Psicológico na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotsky.** In: Cadernos Cedes, Campinas, vol.24, n.63, p.64-81, abril 2004.

FAVARETTO, Celso. **Isto é arte?** [Filme-Palestra]. Direção de Geraldo Santos. São Paulo: Itaú Cultural, 1999. Videocassete. Estéreo.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GIRARDELLO, Gilka. **A Imaginação Infantil e a Educação dos Sentidos.** In: LENZI, Lucia Helena Correia (org.). *Imagem: Intervenção e pesquisa.* Florianópolis: UFSC, 2006.

OLIVEIRA, Alexandra Mara Rotta de Oliveira. **Arte na Educação Infantil.** In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL (mini curso). Florianópolis, 2011.

TRAN-THONG. **O Sistema de Estádios de Wallon.** In: Estádios e conceitos de estágio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea. Lisboa, Afrontamento, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **Interação entre o Aprendizado e o Desenvolvimento.** In: VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente.* 6. ed. São Paulo: Martins, 2002.